

The Project Gutenberg eBook of O Bispo: Nova «Heresia», em verso, by Guilherme Braga

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O Bispo: Nova «Heresia», em verso

Author: Guilherme Braga

Commentator: Sampaio Bruno

Release Date: January 15, 2011 [EBook #34961]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Mike Silva

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O BISPO: NOVA «HERESIA», EM VERSO ***

Guilherme Braga

O BISPO

NOVA «HERESIA», EM VERSO

...Aucun baume, hélas! ne peut secher la plaie.
Il faut donc la sonder a toute profondeur,
Et, pour seul antidote, étaler sa hideur.

ÉMILE DESCHAMPS.

Segunda edição com o retrato
e uma poesia inedita do auctor, e um preambulo
por
J. PEREIRA SAMPAIO (*Bruno*)

PORTO
LIVRARIA CAMÕES DE FERNANDES POSSAS
136, Rua das Flores, 138
M DCCC XCV

O BISPO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
Rua da Fabrica, 80
1895



Guilherme Braga

Guilherme Braga

O BISPO

NOVA «HERESIA», EM VERSO

...Aucun baume, hélas! ne peut secher la plaie.
Il faut donc la sonder a toute profondeur,
Et, pour seul antidote, étaler sa hideur.

Segunda edição com o retrato
e uma poesia inédita do auctor, e um preambulo
por
J. PEREIRA SAMPAIO (*Bruno*)

PORTO
LIVRARIA CAMÕES DE FERNANDES POSSAS
136, Rua das Flores, 138
M DCCC XCV

AOS
LIBERAES
PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

DAS TERRAS DE SANTA CRUZ;
A TODOS AQUELLES QUE N'ESSAS REGIÕES
ESMAGARAM DENODADAMENTE AS VIBORAS JESUITICAS

Offerece

este humilimo testemunho d'adhesão ás suas ideas e de sympathia pelo seu esforço

Guilherme Braga,
o condemnado auctor dos «Falsos Apostolos».

ADVERTENCIA

AO

Bispo do Pará

Embora sobre mim peze
O teu anathema, ahi,
Eu, bispo d'outra diocése,
Tambem te excommungo a ti!

{IX}

Antes de lêr

Propõe-se um editor novel, mas que benemerentemente para as letras patrias inicia a sua carreira, salvar do esquecimento, a que a raridade dos exemplares d'uma edição limitada parecia indefectivelmente vital-o, o pamphleto poetico a que estas linhas servem de preambulo explicativo.

As aparentemente pretenciosas palavras ultimas foram muito de caso pensado escriptas; e em curtos dizeres ellas poderão ser interpretadas segundo a modestia real das suas proporções.

É claro que, no restricto acanhamento das algumas paginas que, mercê do plano proprio da pouco custosa publicação, lhe são concedidas, o redactor d'estas linhas, ainda que lhe sobrasse em meritos o que em competencia lhe escasseia, não poderia abalançar-se á critica d'uma individualidade litteraria tão viva, espontaneamente accentuada como a de Guilherme Braga, auctor do opusculo em reimpressão.

(X)

Repetir, pela centesima vez, que o vate portuense pertence, nas suas mais altas culminancias, á categoria esthetica que o critico parisiense Laurent-Pichat marcou e definiu para os, por elle, primeiro, chamados *Poetas de combate*—ociosa banalidade seria, que não primava sequer pelo exacto rigor do asserto, visto como Guilherme Braga foi simultaneamente um poeta lyrico notabilissimo, d'uma sincera emotividade, admiravel n'essa sublime elegia *Cadaveres*, que é uma das raras paginas supremas, definitivas, em nossa moderna litteratura.

Bosquejar uma resenha biographica do prematuro morto, tambem não parece tentamen, ahi, onde choram as pessoas recordações de Pedro de Lima, melancolicamente penetrantes pela saudade amiga que as embebe, trespassa de lagrimas. E, se chronica critica se deseja, destacam abundantes de factos, acertadamente dispostos, e opulentas de sisudas apreciações as laudas que á gloria de Guilherme Braga consagrou o dr. Rodrigues Cordeiro.

Assim, entendeu-se que melhor caberia, e, em certa maneira, seria até cumprimento de quasi obliterado dever, o explanar aqui um rapido historico da composição que reaparece perante um publico novo, differente na moral idyosincrasia d'aquelle que se agitava ao tempo da elaboração poetica.

(XI)

Na verdade, o *Bispo*, de Guilherme Braga, sem que o precedam, em sua leitura, algumas notas que o reintegrem nas condições peculiares da sua primitiva producção, poderá, talvez, a espiritos prevenidos ou scepticos, (pois que os extremos se toquem), poderá a esses espiritos, indifferentes ou hostis, parecer a aberração d'uma phantasia, forte e alta, mas desproporcional, e afflictivamente torcionada pela perseguição d'um delirio.

É, pois, de saber o que determinou esta obra; e a busca das suas origens torna-se indispensavel desde que a actual geração está já bem longe da fragancia dos episodios que ocorreram e tambem, infelizmente, da vivacidade sentimental que elles despertavam em gentes menos addictas ao aspero egoismo que hoje é norma e criterio, lemma e regra, principio e conclusão, alpha e omega de todas as coisas e sentimento resolutivo de quaesquer crises subjectivas.

Isto, já se vê, pela rama e deslizando sobre a superficie d'uma evolução que vinha de longe, pois que, completa, tarefa esta seria para um estudo amplo que, com a paciencia do leitor, largo levava. Visto como tudo se prende na vida collectiva, e os factos, que mais locais, mesmo pessoas, se perfiguram, derivam, aliaz, de motivos genericos, remotos, multiplos e complexos.

(XII)

Quando Guilherme Braga, erguendo os olhos de sobre o frenesi apocalyptic do genio de Victor Hugo, por então em vulcanicas erupções consecutivas, atropellantes, os circummandou em tórno do seu paiz, d'esta viagem moral elles regressaram desmoralizados, desfolhados, da desesperadora desillusão, tão deprimente se lhes antolhara o espectáculo observado.

Com effeito, entre nós, como, de resto, em todos os povos continentaes, o constitucionalismo gorára. Os seus theoristas ou tinham morrido, anonymamente, como Mousinho da Silveira; ou, consoante Herculano, haviam mergulhado na atonia d'um desespero quieto e môrno. Os que quedaram na brecha, aos poucos, foram sendo envolvidos na vaga da corrupção politica dimanada das altas regiões; ou, ainda, cansados de tantos, tantos annos de batalhas, incapazes, de resto, de grandes idéas de conjuncto, almejavam pelo repouso nos episodios de detalhe, como José Estevão com os interesses da sua terra natal, como Sá da Bandeira, nobre, ingenuamente occupado com o problema da civica honra collectiva, no caso da escravidão colonial.

A convenção de Gramido assignara o reconhecimento da transitoria impotencia. Capitulara-se incondicionalmente, sem as honras da campanha, á fé e mercê do facil, incombatido vencedor. Tanto amollecera as consciencias que a causa proxima da vasta catastrophe publica, Costa Cabral, veio a ter de se affastar da politica e do paiz, menos pelo irrisorio conluio da Regeneração do que porisso que, doutrinario fiel aos seus chimericos principios de crear uma nacionalidade, progressiva e forte, pelo influxo descendente do factor da auctoridade, elle já não tinha presa sobre a nação. Não havia mais nem amigos firmes nem inimigos estimulantes.

(XIII)

A éra dos homens de convicção, logicos n'um concebido plano renovante, sobranceiros ás miserias do dia e, nas tortuosidades e nas brutalidades do concreto momento successivo, ideologos, como os sinceros liberaes, visando a um stadio moralistamente caracterizado, passára.

A hora batera para a comedia dos interesses cynicos, para as contemporisações, para os sophismas grossos, para as communs, as triviaes patuscadas, para as opposições fingidas, para

(XIV)

os votos comprados.

Um duro, um sectario, um fanatico, um convicto, um tyranno, exaltado e nobre, sombrio, franco, triste, brutal, violento, sincero, como Costa Cabral, era uma figura demasiado pesada sobre uma esboroante terra de chatins, escravos ventrudos e satisfeitos. Não luziam já as estrellas, claras e ardentes, para os grandes felinos; nas meias sombras d'um ceu pardo, era o instante dos chacaes, das hyenas, dos lobos, das raposas. Logicamente, entrou em scena Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Tudo mudou; o ouro correu; a imprensa, por suas mesmas mãos, poz a mordação das conveniencias; a tribuna papagueou o taramellar radotante das argucias que amam conservar o embuste do tom independente; cada cidadão encellulou-se no seu personalismo, absolvendo-se pela sentença, volvida regra da conducta, de que *tão bons são uns como os outros*; o paiz negociou, tripotou, enriqueceu-se, empobreceu-se, estonteado pela febre dos melhoramentos materiaes, avido de lucros, sem a educação dos negocios, cabeceando de crise agricola em crise bancaria, mineira, fabril; emfim, as amplas reclamações doutrinaes cessaram, e o silencio, o bem-amado, o suspirado silencio fez-se.

{XIV}

Entretanto (eis aqui o modulo transcendente, pois que a França seja a promotora), entretanto, por assim dizer, de parceria, um terrivel successo consagrara-se definitivamente na Europa.

A 2 de dezembro de 1851, o ex-prisioneiro de Ham resolveu-se, emfim, a romper do moroso torpôr onde ruminara Machiavelo. Seu adulterino irmão, o duque de Morny, pudera assegurar, alegremente, á curiosa dama que o interrogava, na Opera, sobre a plausibilidade do golpe-de-Estado, que, em qualquer hypothese, *dado que vassourada houvesse, elle se poria do lado do cabo da vassoura*.

Um ingurgitante refluxo de retrogradação se produziu nos destinos da humanidade, e uma reacção theocratica, cynicamente mystica da banda de antigos carbonarios, voltairianos e livres-pensadores, havia, natural e logicamente, de tatear o desfecho nos medos supersticiosos, *ad usum Delphini* procurados na propaganda jesuitica.

{XV}

Este movimento espontaneo foi acelerado ainda pelo idyllico casamento do imperador com uma hespanhola fanatica. Assim, sobre a expedição de Roma, as ulteriores violencias contra os patriotas garibaldinos, esmagados em Mentana, onde os *chassepots fizeram maravilhas*, não revestiram um character sporadico. Tudo é concordante no mundo; ellas representaram o estado moral de todo o conjuncto das instituições a de lá dos Pyrineus.

Solidariamente, repercutiva, messianicamente, a de lá e a de cá.

A influencia do recente condicionalismo beato da cultura franceza fez-se sentir entre nós, logo desde o primeiro instante; e seria curioso, n'este ponto de vista, explicar a vehemencia argumentativa com que a incredulidade lunatica de Pedro d'Amorim Vianna, mathematico e idealista, procurava dissipar os echos lusitanos das retumbosas conferencias do padre Ventura de Raulica em Nôtre-Dame.

Subira ao throno portuguez um principe intelligente, honesto, erudito, povoado de boas, vagas intenções, convergindo a realizar entre nós o typo d'esses reis philosophos, a uma final degenerescencia, pelo veneno do virus dynastico, indeclinavelmente propellidos, conforme o amostrou a investigação, historica e fria, do emphatico Pelletan.

Naturalmente melancholico, impulsivo mas retrahido, não pondo ao serviço das suas aspirações mais do que a mediania d'um talento inconsistente, D. Pedro V pertencia á especie corrente d'esses incomprehendidos romanescos que, como José II, d'Austria, fluctuam entre os indistinctos desejos de renovamentos, parcellarmente entrevistos, e as reticencias e as revertencias finaes a uma ordem consuetudinaria que lhes acalma o desastre de faculdades sobresaltadas mas fundamentalmente improplicas.

{XVI}

De volta da costumada viagem de educação empreendida pelos herdeiros ao estrangeiro, o novo rei trouxera para o paiz o deslumbramento das facticias pompas com que despontara o 2.º imperio; e o seu anhelos de imitação d'um modelo, levianamente reputado perfeito, descera mesmo aos insignificantes pormenores, como na introduccção do uso do *képi*.

Debil, activo e impressionavel, o joven monarcha ferira as nossas imaginações promptas, pelo interesse proclamado pela causa publica, pela irritada tristeza que lhe causavam os abusos, pela altiva, inconstitucional protecção votada aos humildes, para cujo serviço instituirá, na famosa *caixa verde*, um meio, facil e seguro, de sempre communicarem com as altas regiões. A affeição com que vestia as suas relações pessoases, buscando occultar sob doces familiaridades a supremacia da sua situação excepcional, como no baile celebre da Sala do Risco para com o duque de Loulé, abria-lhe uma immensa zona de sympathias. Na verdade, tal é a monstruosa educação secular do preconceito da realeza que, d'entre os proprios homens cultos, nem mesmo os inimigos, pelas franquias parlamentares dispondo das condições politicas idóneas á extirpação das dynastias, se furtam a este effeito, atavico, segundo o qual um rei se affigura um ser inteira e transcendentemente fóra da humanidade.

{XVII}

A lenidade, a doçura do temperamento, a candidez de coração succedera ao irritavel e irritante character, ciumento das suas prerogativas, intractando no seu orgulho, espessa e epilepticamente

incivil, da rainha impopularisavel, a favor de quem a habil espada liberal fizera desalojar o bruto tio, toureiro e forçudo, tão sympathico á plebe pelo seu bestial feito genuinamente portuguez.

Comprehende-se, pois, a facilidade com que explodiu o entusiasmo em torno do moço monarcha e como este, no esfumado dos seus vastos sonhos, se encontrou, sem attritos contaveis, nos termos de poder levar a effeito quaesquer idéas positivas, se porventura elle podesse emergir da nevoa dos semi-pensamentos, em que se esfarrapava, dissolvia a sua alma chimerica.

O monarcha herdara dos talentos ancestraes; recebera, do finado imperador, com o typo physico, a similhaça mental. De sorte que a utopia que latejara no cérebro do avô revivia a dentro do craneo do neto: ideologos, um e outro, as mesmas fórmãs da chimera, como no sonho iberico, reproduziam-se, por descendencia.

{XVIII}

Era-lhes analogã a feição moral; igualmente possessos d'um identico, insaciavel desejo de saber, de vêr tudo, de conhecer tudo, de alterar tudo, de remechar em tudo, o modo moralista, peculiar da sua funcção de reformadores, a um e a outro, os dispunha a desdenhar dos problemas concretos da vida progressiva dos povos, a pôr todo o empenho nos remodelamentos das concepções abstractas que regulam a existencia moral das nações.

Assim, o neto do principe que, primeiro, ousou, na letra da constituição do seu paiz, introduzir a nova noção da realeza, referida ao poder moderadôr por Benjamin Constant, assinalava-se, aos olhos do embaixadôr hespanhol Pastor Diaz, por uma especie de monomania metaphysica, que lhe tomava as attenções para os mais abstrusos, estereis pontos da philosophia transcendental. N'este pendôr, não é de estranhar a pretensão, que começou a patentear-se no monarcha, a rehver um mando, supremo e incondicional, nem será absurdo o suppôr que o pobre idealista coroado pensasse, sob a meia sombra d'uma consciencia silenciosa, em modificar por completo um reino arruinado. O modo particular das naturezas moraes como a de El-Rei é, com effeito, o da innovação, da intervenção, da substituição, o afan era refazer um povo por meio de decretos. O que longos annos d'um desenvolvimento continuo e previdente mal bastariam a consummar terminal-o n'um reinado, e substituir-se a immediata vontade autocraticã á vontade tardia da historia; utilizar aos homens, mas como se creanças fossem, incapazes de formular racionalmente um voto para a melhoria das suas condições, gente a servir, como Louis Blanc o discriminou nos accidentes do abortado austriaco, sem que se receie, sem que se ame, tractando-a como cartas adscriptas ás combinações do jogadôr.

{XIX}

Que idéas governativas, de conjuncto ou de detalhe, possuia, porém, o rei? Que planos amadurecêra pela reflexão e pelo estudo? A que alvo visavam os seus esforços?

Tudo nos indica hoje que nenhuma idéã, nitida, clara, precisa, o monarcha se formava da sua situação e da do paiz, e que lhe seria impossivel redigir n'um programma de doutrina ou n'um projecto de actos as apparencias de pensamento que eram a miragem do seu coração, enganado de si-mesmo.

D. Pedro V havia nascido com uma alma bem superior ao seu genio. O seu poder foi grande; pois que, nas affeições creadas, o entusiasmo meridional, excessivo nos louvores como indiscreto nas invectivas, não conheceu limites ao seu impeto. Assim, os homens de entendimento que com elle conviveram, que accenderam no seu o cigarro d'esses devaneios philosophantes os quaes, no propicio silencio da noite, se lançam, a todo o vapor, no phantasmagorico mundo das previsões do futuro, acabaram por se gerarem uma especie de fanatismo pelo monarcha, fanatismo tanto mais perigoso quanto elle se não isolava do sentimento publico, que manifestara a sua fé nas virtudes reaes por meio d'esses inacreditaveis cartazes pregados nas esquinas das ruas das cidades, bradando: *Viva D. Pedro V, rei absoluto*. Theophilo Braga ainda os viu, amarellecidos das chuvas, nas paredes de Coimbra.

{XX}

Que importou isso? Esse poder era pequeno para uma vontade, nulla no vasio onde se agitava. Desorientado, o espirito real contentava-se com phraseologias symbolicas, como as lançadas á mocidade universitaria que o saudava:—*Tanto vale a alma quanto a intelligencia*, profissão de fé dos egoismos intellectivamente orgulhosos. E não se humilhava de fazer publica confissão de ignorancia nos pontos mais triviaes do ensino positivo, consoante nas curtas inquirições, ao engenheiro Mousinho de Albuquerque propostas no Porto. O rei era um metaphysico, um doutrinario retardado, e assim se explica o seu desdem pelo problema das grandes linhas ferreas, esteado nos pobres aforismos d'uma economia infantil.

A gloria, fogo fatuo que illude tantas naturezas, alias, a certos aspectos, curiosamente dotadas, não cessou, attrahindo-o, de o ludibriar. Esse foi o triste destino do lastimoso rapaz, que, no seu ardor em se crear uma fé, não encontrou em torno de si senão o desanimo que, na bocca do que escolhera para mentor, Herculano, se penitencia por se encontrar maior do que o do rei.

{XXI}

Abandonado a si proprio, desamparado até nas suas acanhadas iniciativas, oriundas d'uma primeira educação, humanista e litteraria, como lhe succedeu no tentamen do *Curso superior de letras*, o monarcha acabou por derivar no plano inclinado que leva á traição da liberdade. As suas usurpações constitucionaes foram successivamente accumulando os aggravos, ao ponto de renunciarem vindoiras e mais crueis hostilidades dos serventuarios do principio dynastico.

Demonstram-o as primeiras arremettidas da prolongada allegoria do *Rei de Sião*.

Arquejando no difficil caminho dos bons propositos, a sua violencia para um confuso porvir foi de molde a correr o risco de se lhe escapar o presente. Tudo o que pretendia tentar para o bem dos seus subditos tão atrophiadas raizes embebida no resistente terreno da dura razão que, celebre pela philanthropia, ás escondidas assignava ignoradas sentenças de morte, para os longes coloniaes, como a do rebelde indiano. De modo que, quando a vida se lhe extinguiu, cheio de aspirações cerce amputadas, inconsolavel do seu sonho esparso, dissolto; quando, acabrunhado, partido, não tendo havido n'elle de sublime senão o desejo, finalmente fechou os olhos, poderia reputar-se no unico momento feliz do seu transcurso terrestre. A sua duração mais larga assignar-se-hia, porventura, de terriveis catastrophes, visto como a ignorancia publica, que o idealisara, tendia a oppô-lo, symbolo de reacção, aos restos da iniciativa civica das classes liberaes e cultas.

(XXII)

Com effeito, no desalento colectivo, no abortamento dos partidos, na resignada quietação dos grupos intermedios que, junto aos poderes publicos, servem a multidão, o povo começava a formar, em volta do nome do seu rei, a legenda piedosa que fundamenta e alicerça os despotismos.

A historia inicia-nos na psychologia das multidões; nada é menos democrata, no fundo, do que a massa inculta. O rudimento das suas idéas conduz-a sempre á auctoridade d'um só, facto moral naturalissimo desde que se pense em que, apontando-lhe o seu bom-senso a sua ignorancia, a tendencia será para se entregar nas mãos da competencia, tanto mais comprehensivel e tanto mais responsavel quanto mais centralisadamente reduzida. Ora, no paiz, tradicionalmente monarchico e catholico, a solução estava encontrada desde que o seu rei se inspirasse, representativamente, dos sentimentos da população, trabalhada no momento por uma recrudescencia espantosa do religiosismo missionario. O monarcha chegara á crise e, pela tremenda peste que assolou Lisboa, o espirito soffrera, com a morte prematura d'uma esposa adorada, esse golpe em que Buckle buscou o coefficiente da exaltação mystica dos povos peninsulares.

(XXIII)

Voltou-se para Deus; procurou nos hospitaes dos cholericos o repouso, pela abnegação; decididamente, acompanhou o movimento do retrogradamento francez, pela introduccção dos lazaris, das irmãs de caridade no reino; mergulhou nas leituras symptomaticas, como as que lhe deu o conhecimento do Dante, conforme se revela da sua bella carta posthuma ao conselheiro Viale.

A influencia sentimental do bondoso character do imperante havia ido, porém, tão longe que nem os alarmes que sobre os progressos do ultramontanismo procurou, n'um colectivo manifesto eloquente, communicar ao paiz Alexandre Herculano, nem a rude, a furiosa campanha de José Estevão, que, leão dormente, um instante restituiu ao parlamento essa interessada vehemencia que tanto surprehendera o principe de Lichnowsky, conseguiram abrir os olhos da ignara multidão. Tão certo é o erro dos que não querem reconhecer que a monarchia é o producto, directo e quasi infallivel, da espontaneidade popular. Educadora das massas, degeneram estas logo em suas escravas.

Assim, melancholicamente, as gentes se retiraram, recolhidas, a prantear o seu rei. Os homens sinistros, que queriam governar em seu lugar, como elle se não conformasse a acompanhá-los nos seus crueis desatinos, haviam-o envenenado, ao misero!

(XXIV)

O novo reinado começou, pois, desconsoladamente; a lembrança do bem-amado estava proxima, tarjada de negro, regada da ineffavel agua dos olhos humanos. O principe successor feria pelos modos bruscos de homem do mar, repentinamente avocado a um meio que, por completo, desconhecia. Se, em sua estupidez, as calumnias suspeitas logo se desfaziam a um ultimo sopro de recto bom-senso, envergonhado da infame torpeza, o certo é que as tristes apprehensões ficavam, escorias no fundo do cadinho. O que seria? O que viria?

E o certo era que as maneiras altivas do dynasta, tão em contraste com a docerosa cortezia que se esvahira, chocavam, arrefeciam os fremitos, como n'essa primeira, gelada recepção da segunda cidade do paiz. Os politicos temiam pelo futuro; os cortezãos debalde explicavam a conducta de seu amo; e os poetas, inconscientes interpretes do sentimento popular, atravez os subservientes protestos hypocritas d'uma burguezia respeitadora das conveniencias, ousavam, como o snr. Diogo Souto, debruçar-se da beira dourada dos camarotes dos theatros, a apontar ao principe, pallido da audacia, o espectro arsenicado de seu irmão, gritando-lhe n'um terror:

Imita-o, imita-o bem!

Mumificada no spasmo mystico, a consciencia publica, catalepticamente colleando, seguiu de rastos, ao cantochão ultramontano, até á beira do campo-santo jesuitico. Insistentes na sua obra lutulenta, os homens de Roma apoderaram-se da eschola, e uma funeraria ironia tomou para zona da sua revista de forças, para terreno das insolentes paradas o mesmo palacio de civilisação que, na frontaria, humanamente orgulhosa, do espirito que o fundou diz: *Progredior*, eu avanço.

(XXV)

Então, sacudindo a sua merovingia cabelleira romantica, um bello adolescente, Guilherme Braga, um bohemio, um doido, como lhe chamava a mercearia contemporanea, ergueu, elle só, um formidavel grito, de dôr, de colera, de protesto: Os falsos apóstolos, por nôme.

A reacção alarmou-se; o impio foi excommungado, em sua mocidade, intrepida como a

d'aquell'outro ephebo sublime de quem é a unica apothese um derradeiro, simples, musical, maravilhoso verso do velho Hugo:

La gloire au front te baise, oh toi si jeune encore!

Na sua faina concordante, o bispo do Pará (contra cuja obra nefasta começava a reagir victoriosamente a eloquencia do advogado Saldanha Marinho, recém-fallecido) não conheceu medidas. Propoz-se o enxovalho publico do joven poeta, que lhe replicou com o incendiado pamphleto que vé agora as honras, tardias, da reimpressão.

{XXVI}

Eis, succintamente, as causas do magistral opusculo. Eis porque, n'esta hora triste, de nova reacção jesuitica, o seu actual editor, sobre se fazer benemerito das nossas boas letras, se torna ainda meritente da respeitosa sympathia dos verdadeiros amigos da liberdade de consciencia.

BRUNO.

{XXVII}

O BISPO

I

{XXVIII}
{XXIX}

Na cathedral.—Revelações d'um satyro

No claro azul d'um frio céu d'inverno,
Sobre a collina onde a cidade dorme,
Destaca, ao longe, o escuro vulto enorme
D'antiga cathedral;
Fica-lhe ao lado a succursal do inferno,
—Velho epigramma ao lugubre edificio,
—Largo covil doirado, aberto ao vicio,—
O paço episcopal...

{XXX}

Bate o luar nos porticos escuros,
Abrigo á noite de sinistras aves;
Lá dentro, as altas, magestosas naves
Envolve a solidão.
Sobem, crescem mil sombras pelos muros,
D'um bronzeo lampadario á luz distante,
Sob as curvas da abobada ondulante
Que estampa os arcos no marmoreo chão.

O côro é largo e bello. Ali se abriga,
D'um capitel nos rendilhados folhos,
Um satyro, que ri, piscando os olhos,
Lascivo como Pan.
Dizer parece á cathedral antiga:
«Porque me tens aqui, mostras-te ufana?
Pobre igreja catholica-romana!
Pobre igreja christã!»

Diz com orgulho, gracejando, ao Christo:
«Eu fico, a meu pezar, n'angustia absorto,
Ao vêr-te assim crucificado e morto,
Ó déspota dos meus!
Não desejo ser Deus... se Deus é isto:
—Um cadaver perpetuo exposto ao frio—
E, velho fauno desdentado, eu rio,
Eu rio-me de ti!—de ti, que és Deus!

{XXXI}

Vês alem, por detraz do lampadario,
Um satanaz assoberbando um globo?
Deitado aos pés de Deus, parece um bobo
Deitado aos pés d'um rei.
Ao vê-lo assim, tristonho e solitario,
Tive dó d'aquell'alma taciturna,

E, na mudez da escuridão nocturna,
Com elle me liguei.

Vago rumor de vozes mal distinctas
Nos guiou para os porticos do paço:
Eu, sabendo que o bispo era um devasso,
 Previa a bacchanal...
Escuta, ó Christo, escuta, embora sintas
Chammejante de pejo o rosto frio,
Tudo o que eu vi no lupanar sombrio,
No infame lupanar sacerdotal:

{XXXII}

II

A humildade do bispo

Era um bello aposento,
Que Faublas prezaria sem desdouro...
—Ninho d'abutres, perfumado e fôfo,
A que dava um revérbero sangrento,
À froixa luz d'um candelabro d'ouro,
A adamascada purpura do estôfo.—

Molles coxins, em largas ottomanas,
Convidavam a languidas posturas
As Aspacias catholicas-romanas,
 As lúbricas sultanas
D'aquelle harem christão, meio ás escuras!

Mil fragrancias subtis no morno ambiente;
Ao centro a meza,—o impuro altar da orgia;—
Sobre a meza a baixella resplendente...
A baixella roubada á sacristia:
Crystaes por toda a parte, e, nos espelhos,
Todo esse lustre a espaços reflectido,
Da luz da orgia á froixa claridade...

{XXXIII}

Satanaz debruçou-se ao meu ouvido
Para dizer-me, a rir-se: «Os Evangelhos
Aconselham ao bispo esta humildade!»

III

Dolores

Sentado á meza, o principe da Igreja
Inclina a calva fronte aos seios tumidos
D'uma hespanhola, cujo olhar flammeja,
 E em cujos labios humididos,
Rindo, o prazer de beijos s'enebria!

Ao vêr-te assim, myrrada
Pelos impuros halitos da orgia;
Ao vêr-te assim, na sombra, arremessada
Dos canteiros nataes a impura alcôva,
 Quem ha que se commova,
Pobre flôr dos jardins da Andaluzia?

{XXXIV}

Tem por nome *Dolores*...
Por officio, vender a quem lh'os paga,
Como não tem amor, os seus amores.

É soberba e formosa!
Brilhante e seductora!—imagem vaga
D'Eva... já criminosa,
Escondendo a nudez por entre as flores!

Mixto de sombra e luz, de lava e gêlo,
D'éden occulto e precipicio aberto,
Prende, fascina, attrahe, céga, arrebatada!
Para quem dorme, em extasis, coberto
Pelas ondas gentis do seu cabelo,
É como no deserto
A mancenilha, que adormenta e mata!

{XXXV}

Os braços nus da joven messallina
Cingem o padre, que, sorrindo, oscúla
A carne branca, avelludada e fina,
Que lhe é dado gosar... mesmo sem *bula*.

Collam-se, em longo beijo,
As duas bocas ávidas, famintas...

Escuta, ó Christo, escuta, embora sintas
O rosto frio a chammejar de pejo!

IV

Supplicas e promessas.—Caracter evangelico do bispo

DOLORES

Prende-me ás tranças formosas,
Se tu és o meu amante,
As joias mais preciosas
Da tua mitra brilhante!

{XXXVI}

Fulgirão co'as pedras tuas,
Cheias de raios inquietos,
Meus soltos cabellos pretos
Nas alvas espaduas nuas!

Haja depois quem se affoite
A julgar outras mais bellas...
São tranças da côr da noite,
Precisam d'essas estrellas!

O BISPO

Rainha das feiticeiras!
Venus, que sahes d'este mar!
Pede tudo o que tu queiras,
Tudo o que eu te possa dar.

Louca, aos meus beijos entrega
Teus hombros, teus seios nus!...
Dou-te a igreja, o paço, a adega,
O báculo, o annel, a cruz;

{XXXVII}

As altas seges vermelhas
Que tem cem annos, ou mais,
E as gordas, rijas parellhas
Das mulas episcopaes...

Toda a riqueza que brilha
No pomposo altar de Deus,
E um dos meus cónegos, filha,
Por cada beijo dos teus!...

DOLORES

Eu gosto de sentir nos braços froixos
O enorme pezo do teu corpo exangue,
Mas, se te collo a boca aos labios roixos
Acho em teus labios um sabor a sangue!...

Amas o sangue?

O BISPO

Adoraria a gloria
De ter sentido, eu só, n'esta existencia,
Todo o sangue dos martyres da historia
Cair-me, gota a gota, na consciencia!

{XXXVIII}

Quizera ter colhido o goso ardente
De vêr no circo, em Roma, as feras brutas;
Nero a rir-se feroz, ébrio e contente,
Nos braços nús das ébrias prostitutas!

Os pallidos christãos,—torpes escravos,—
Expirando entre as garras das pantheras,
E a turba inquieta prerompndo em bravos...
Em bravos ao tyranno, a Roma, ás feras!

Quizera, quando as sombras da heresia,
Sobre um povo servil, grosseiro e baixo,
Rasgava, escurecendo a luz do dia,
Do Santo Officio o pavoroso facho.

Quizera dar a humanidade inteira
Á nossa chamma augusta, aos pôtros nossos,
E, dos pôtros no horror, e na fogueira,
Crestar-lhe as carnes, triturar-lhe os ossos!

{XXXIX}

Mil peçonhentas viboras no seio
A infame contra nós, sem medo, abriga.
Mal sabes tu, mulher, quanto eu a odeio,
A humanidade, a nossa escrava antiga!

Podesse eu ter, ó pallida Dolores,
Do sangue d'ella trasbordando o calix!...
Era um rebanho vil; nós, os pastores,
E a Realeza era o *canis pastoralis*...

Tornou-se livre e audaz; mitras, diademas,
Báculos, sceptros, esmagou n'um'hora!
Quebrou, raivando, as solidas algemas,
E a frente, ergueu, sem medo, á luz da aurora!

Mas que aurora, mulher! que vasto incendio
Nos sombrios dominios do passado!
Que opprobrio para nós! que vilipendio!
Que roubo infame ao *senhorio herdado*!

{XL}

E assim ficamos nós, sem que lavasse
De sangue um rio a nodoa!...—escura ideia!
E assim trazêmos na orgulhosa face
Perpetua a marca vil da mão plebeia!»

V

Movimentos de fera.—Risos longinquos

Ergueu-se, febril, d'um salto,
Como um tigre nos juncaes;
Seus olhos chispavam lume
Como os dos lobos cervaes;
Crispava as mãos como garras;
Tinha rugidos na voz!
—Satanaz tremia, ao vêr-lhe
O rude aspecto feroz.

Correu á larga janella
E, abrindo-a de par em par,
D'um anáthema ruidoso
Fez os espaços vibrar...
—Ouvia-se, ao longe, ao longe,
O rir convulso do mar.

{XLII}

VI

O anáthema, fragmento do «Syllabus».— Angustias d'uma alma piedosa

«Malditos sejaes vós, Progresso e Liberdade!
Gêmeos filhos do Mal, irmão e irmã do Crime;
Tu, que és um sacrilégio, abôrto da impiedade;
Tu, que dás força á plebe e esmagas quem a opprime!

Vêde: por toda a parte as hydras do peccado
Erguem altivo o collo, iradas contra nós,
E o nosso bom cutello esconde-se embotado
Na cova onde repousa o nosso extincto algoz!

{XLVII}

Por vós andam na sombra, errantes, perseguidos
Como as feras no matto, os reis d'origem pura;
Aos ministros de Deus preferem-se os bandidos...
E assim chamaes aurora á noite escura... escura!

Comvosco, onde assomaes, a tempestade assoma;
Rebrame o vendaval no espaço onde rugis,
—Negro sopro, que apaga as lampadas de Roma,
E aviva ao mesmo tempo os fochos de Paris!

Erguendo para os céus a pavorosa fronte
O anjo da Assolação atraz de vós caminha;
Quando o incendio alumia a extrema do horisonte
Sois vós que perpassaes n'essa abrazada linha!

E para que desmaie o fogo da heresia,
O fogo a que se aquecta a sordida relé,
Debalde sopra o clero á cinza inutil, fria,
Aos ultimos carvões do extremo auto-da-fé!

{XLIII}

Ó pavidos heroes da lugubre tragedia
Que a historia do passado aos seculos ensina!
Ó despotas feudaes da torva idade-media!
Ó soffregos irmãos das aves de rapina!

Padres, em cuja mão fulgia a núa espada
Co'as mil scintillações d'um raio abrazador,

E em cujo ferreo peito a veste consagrada
Tinha nodoas de sangue a macular-lhe o alvor!

Monges de frio aspecto e d'animo impassivel
Que, a bem do novo Deus, f'rieis os crentes novos;
Ó dérviches de Roma, a cuja voz terrivel,
Como á voz de Jehovah, tremiam reis e povos!

Que é de vós? onde estaes? Que braço vos subjuga,
Que, nem como um phantasma, a triste sombra ergueis,
Ao vêr passar assim, na vergonhosa fuga,
O clero envilecido, os infamados reis?

{XLIV}

No carro do Progresso ostenta-se a gentalha,
—A luctadora vil, que um louco orgulho inflamma,
E, ao cruzar triumphante a arena da batalha,
Faz que lhe sejam solio os estendaes da lama.

Da Liberdade aos pés rola, vilipendiada,
Como um idolo torpe, a imagem de Jesus,
E do eterno Voltaire a eterna gargalhada
Persegue a Virgem-Mãe que chora aos pés da cruz!

Fervem inda no espaço os odios implacaveis
De que innundára a terra uma sinistra ideia,
—A ideia que do lodo exalta os miseraveis
E inspira «Oitenta e nove»,—a tragica epopeia!

Para que espante os céus, para que o mundo aterre,
Quantos éccos talvez de novo accordará,
Fria como uma espada, a voz de Robespierre,
Ardente como um raio, o grito de Marat?!

{XLV}

Esse tempo em que a plebe, os rôtos, os descalços,
A ignobil multidão, potente em seu reinado,
Tumultúa, a rugir, d'emtorno aos cadafalsos,
Onde expia a Realeza as glorias do passado;

Esse tempo sinistro ha de voltar, e em breve!
Cedo as vagas fataes d'immensa revol'ção,
Como as ondas do Éri', massa d'espuma e neve,
Passando sobre a terra, a terra assolarão!

Debalde o Vaticano affasta a sombra estranha
Que peza sobre nós, de tanto horror transidos;
Debalde irrompe a luz dos flancos da montanha
Que é fulgido Sinái aos crentes perseguidos!

Fluctuam já sobre elle a tempestade e a morte:
Véla-o, como um sudario, a nevoa sepulchral,
E Roma julga ouvir, nos vendavaes do Norte,
Das barbaras legiões a marcha triumphal!

{XLVI}

Emquanto a voz d'um velho, em lagrymas banhada,
Clama contra a revolta, obscura, su'terranea,
Sem pejo se arremessa a Italia deshonorada
Nos braços varonis dos povos da Germania...

Em vão, ó sacro asylo, em vão inda retumbas
Co'a sussurrante voz das santas orações:
Os servos do Senhor descem ás catacumbas;
Acolhem-se do *nada* ás frias solidões!

Mas que m'importa a mim que o resto se acobarde,
Se eu não cedo ao martyrio os fóros da opulencia?
«É tarde!» disse alguém.—Não! inda não é tarde!

Seja a lucta sem dó, sem tregoa, sem clemencia!

Os que são contra nós inspiram medo e asco,
—Venenosos reptis á flôr d'um lodaçal...
Ah! podesse eu punir,—punir, como o carrasco!
Ah! podesse eu vencer,—vencer, como o chacal!

{XLVII}

Podesses tu, risonha, eu placido e sereno,
Aproveitando o amor, o lubrico pretexto,
Encher pelos festins as taças de veneno!
Ah! fosses tu Vannoza... eu, Alexandre Sexto!»

VII

Remeniscencias da canção dum proscripto

Disse, e a bella hespanhola, anciando de surpresa,
Ia a lançar-lhe ao hombro as encruzadas mãos,
Quando julgou ouvir, d'emtorno á lauta meza,
Vibrarem mil clarins ao som da *Marselheza*,
E erguer-se um grito ardente: «Ás armas, cidadãos!»

Loucuras da hespanhola,
Que uma vez, n'um café da Andaluzia,
Tinha ouvido soltar-se aquelle grito
Dos labios d'um francez, moço e proscripto,
Que depois de cantar pedia esmola...

{XLVIII}

VIII

Orgia.—Amor e vinho.— Ainda o character evangelico do bispo.— Mane, Thezel, Phares!

Eil-os de novo no calor da orgia:

O BISPO

O symbolo da Fé,
O largo calix d'ouro
Do velho altar da Sé,
Enche-o de vinho transparente e loiro!

Bebamos! Quem bebe acalma
Todas as máguas que tem.
Cá dentro, ás vezes, noss'alma
Parece beber tambem.

Não sabes como eu abranjo
Os mundos que tu não vês?
Colla aos teus hombros d'archanjo
As azas da Embriaguez!

{XLIX}

Ai! verás como te elevas
Nos sonhos que ella produz...
Passarás da luz ás trevas!
Irás das trevas á luz!

Ha de abraçar-te em desejos

Que ella mesma apagará;
Has de sentir muitos beijos
Sem nunca vêr quem t'os dá!

Ora, a nudez, que enthusiasma,
Pelo abysmo encobrirás,
Fugindo como um phantasma
Aos braços de Satanaz;

Ora, ante os olhos do Eterno,
Rolarás sem um só véu,
Tentando, em nome do inferno,
A castidade do céu!

{L}

Ai! bebe, flôr do serralho,
Como a rosa, a tua irmã,
Bebe as perolas do orvalho
De que se enfeita a manhã!

Molha os labios á vontade
No santo vinho hespanhol:
As gôtas d'essa humidade
Hei de eu seccar, como o sol!

Quanto prazer se resume
Nem tu calculas, talvez,
No suavissimo perfume
Do *Madeira* e do *Gerez*!

É justo que me acompanhe
Tua alegria sem par:
Venha o *Champanhe!* o *Champanhe!*
Saltem as rolhas ao ar!

{LI}

Canta, ó deusa, que me abraças
Cheia d'indomito ardor!
D'entre o tinido das taças
Solte-se um canto d'amor!

Qu'importa o grito da plebe
Que a miseria escravizou?
Eu folgo; tu canta e bebe!
És quem és: eu sou quem sou!

Dizem que por essas ruas
Andam vagando, ao desdem,
Descalças e quasi nuas,
Umas crianças sem mãe;

Que, onde a miseria rebrame
Contra a nossa ostentação,
Avulta uma cousa infame
Chamada prostituição;

{LII}

Que a sombra é vasta e profunda
Nos desherdados casaes,
Que a espaços a chuva innunda
E abalam os temporaes;

Que, entre a noite escura e triste,
Por terem fome, uns atheus
Perguntam se Deus existe,
E, se existe, onde está Deus?;

Que uns velhos, a quem se deve
Profiqua gloria sem fim,

Dormem, cobertos de neve,
Às portas do meu jardim;

Que, sem tecto onde se acoite,
Um bando de paes e mães
Inveja, durante a noite,
A casota dos meus cães;

{LIII}

Que a Justiça, em vis calvarios
Onde é vergonha morrer,
Crucifica os operarios
Que já não tem que fazer!

Será, póde ser verdade...
Mas, tão distante do céu,
O archanjo da caridade
Decerto que não sou eu!

Canta! Bebamos! Scintille
Noss'alma d'amor jovial!
Haja um quarto do *Mabile*
No palacio episcopal!

Quando, nas lagens marmóreas
D'igrejas, ditas christãs,
Já se exaltaram as glorias
E o nome das certezas,[\(1\)](#)

{LIV}

Qu'importa que n'estes paços,
Longe do olhar de Jesus,
Morra, na cruz de teus braços,
Um sacerdote da Cruz?

Canta, como as filomelas!
Canta, como os roixinoes,
Á flôr, ao lago, ás estrellas
Dos teus jardins hespanhoes!

Mas não cedes ao meu rôgo?
Filha, em que estás a scismar?

DOLORES

Scismo nas letras de fogo
Dos muros de Balthazar...

{LV}

IX

Pejo do satyro.—Satanaz e Deus.— A immobilidade de Jesus.

Não posso dizer mais... não sei... não quero!
Satanaz, a tremer, tomou-me o braço,
E ambos, deixando o tenebroso paço,
Voltamos para aqui:

Rudes convivas dos festins de Nero!
Sardanapálo! ó torvos seids d'Asia!
Borgias! Tiberio! Messalina! Aspasia!
Vós sabeis o que eu vi!

Ó Christo! Aos pés de Deus lá dorme o vulto
Do eterno tentador... N'aquella orgia,
Se lá coubesse Deus, Deus rolaria
Aos pés de Satanaz!...»

{LVI}

Calou-se de repente e, meio occulto
Do capitel nos rendilhados folhos,
Ria cada vez mais, piscando os olhos,
O fauno,—o hereje audaz.

Jesus, no entanto, immovel, silencioso,
A fronte morta para o chão pendia,
Na terrível postura da agonia
A que o forçara a cruz...

E ha quem espere um grito doloroso
D'aquell'alma sublime? Ha quem espere
Vêr passar o sorriso de Voltaire
Nos labios de Jesus!

X

Na immensidade

Longe, ao longe, na abobada do espaço
Calma, impassivel, luminosa e fria,
Pairava ancioso, vigiando o paço,
Das orgias o archanjo,—a Apoplexia...

{LVII}

AO POVO INGENUO

Bem cedo, ó triste povo, ó pobre gente!
Bem cedo eu te hei de vêr, em magua absorto,
Ir, de joelhos, á capella ardente
Beijar os santos pés ao bispo morto...

No pó, na cinza, ó povo, a fronte roja,
Ao vêr no esquife o Patriarcha austero...
Tu, que poisas na mão que te despoja
Mil ósculos d'amor crente e sincero!

{LVIII}

Se elle houvesse o «direito do mais forte»
Arrastarias vergonhosa algema;
Vivo, odiou-te: adóral-o na morte!
Derradeira abjecção! baixesa extrema!

Quando has de tu deixar as vis doutrinas,
As vis superstições dos tempos velhos,
E fazer cathedraes das officinas,
E procurar na Sciencia os Evangelhos?

Quando has de tu surgir calcando arminhos,
Nos salões onde, altivos do seu *nada*,
Ri a mitra da c'roa dos espinhos,
E o sceptro inutil da prestante enxada?

Quando has de tu entrar na grande liça,

E, saccudindo o teu grilhão desfeito,
Dizer ao Padre: «Eu chamo-me a Justiça!»
Dizer ao Rei: «Eu chamo-me o Direito!»?

{LIX}

Succeda á farda a blusa; o ganho á esmola;
As armas do trabalho á carabina!
Onde estava a prisão surja uma escola,
E um theatro onde estava a guilhotina!

Da liberdade atalayando o asylo,
Sê magestoso e bom, sê grande e puro;
Toma, nas rijas mãos, bravo e tranquillo,
A sagrada bandeira do futuro!

É já longo o caminho do Calvario
Que trilhas, sob a cruz, ha tantos annos!...
Desfaz, quebra, estilhaça o teu rosario!
Calca, assoberba, esmaga os teus tyrannos!

Porto, 12 de novembro de 1873.

NOTA

(1) Quando nas lagens marmoreas
D'igrejas, ditas christãs,
Já se exaltaram as glorias
E o nome das cortezãs...

«... Foi visto por muito tempo, na igreja de Santa Barbara (Roma), o tumulo da afamada cortezã Imperia, tão celebre no tempo de Leão X. Haviam-lhe gravado no marmore a seguinte inscripção, exaltadora da formosura d'aquella mulher:

«Imperia cortisana romana, quæ digna tanto nomine raræ inter homines formæ specimen dedit, vixit annos XXVI, diis XII, obiit 1511, die 15 Augusti.»

A ninguem causava espanto vêr este preito de admiração tributado á memoria d'uma mulher que viveu na devassidão e na crápula!

EUGÈNE BRIFFAULT—*Le secret de Rome au XIX.^{me} siècle.*

EXEMPLAR DE BRINDE DO AUCTOR A SUA ESPOSA

Á doce e affavel companheira dos meus actuaes dias de soffrimento,
á companheira affectuosa de oito annos, até 19 do corrente, e dos muitos
outros que decorrerão mais felizes, numa modestissima existencia--se o
Destino quizer--
Offerece
para guardar como segredo
GUILHERME.

*Sabes que o meu amor é teu por toda a vida,
E inda não tens um Bispo? Ha mezes!... que preguiça!
São cousas da cabeça, um tanto distrahida,
Pois quanto ao coração fazes-lhe tu justiça!*

23—maio, de 1874.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O BISPO: NOVA «HERESIA», EM VERSO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the

United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of

works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™’s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by

the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.